

O ESPECTRO

NUMERO 36 — 1 ANNO — 1888

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 REIS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

LISBOA

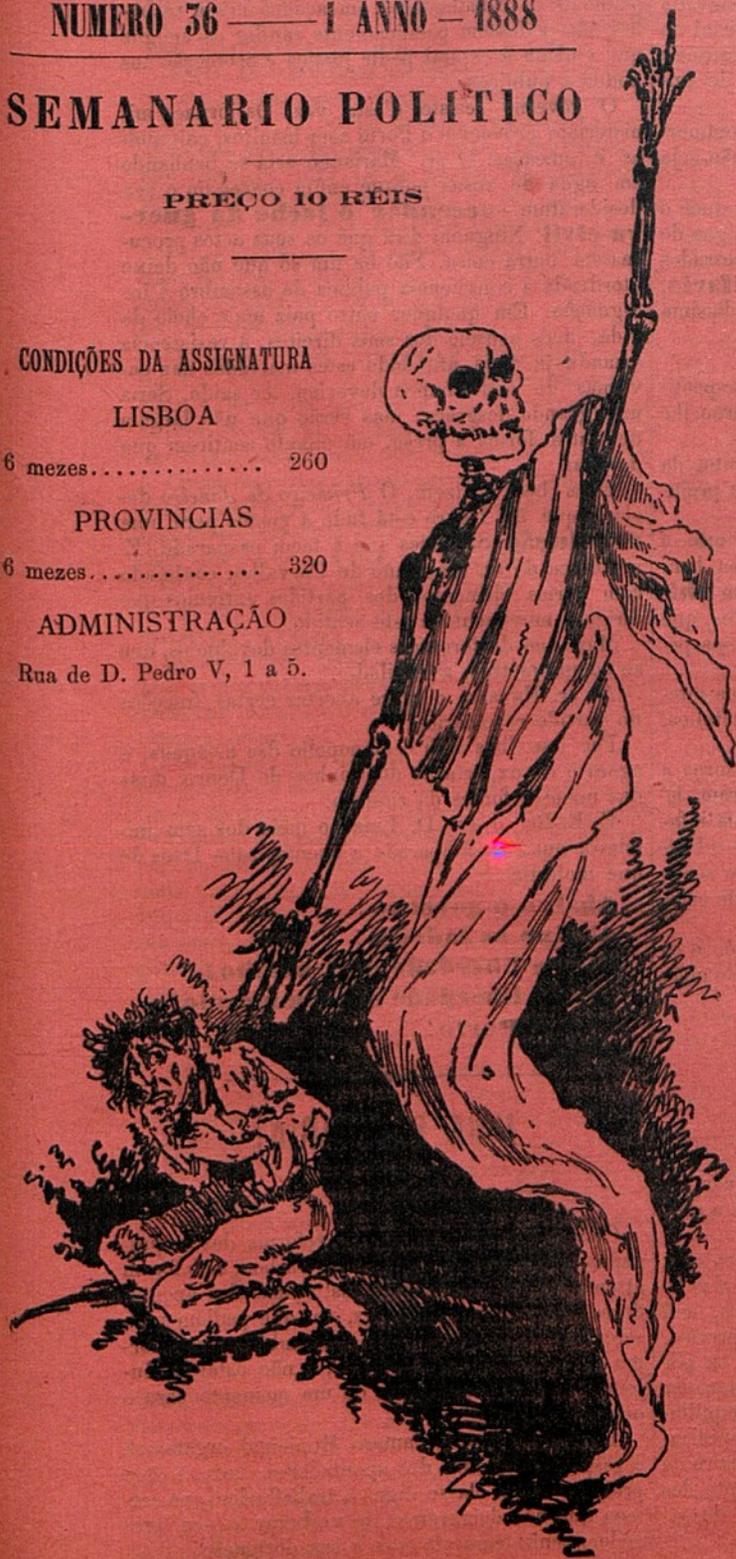
6 mezes..... 260

PROVINCIAS

6 mezes..... 320

ADMINISTRAÇÃO

Rua de D. Pedro V, 1 a 5.



A ladroeira do monopolio dos vinhos

Vai-se levantando a opinião publica, que parecia adormecida.

Já não era sem tempo.

Os escandalos succedem-se com uma rapidez vertiginosa.

O povo é considerado como qualquer animal de carga. Trabalhar é a sua unica função social, a sua unica distracção. Quanto mais trabalhar mais rende, e menos tempo tem de pensar em distrair o espirito, em passejar os sentidos pelas paisagens do goso ou do prazer, em se instruir, em aprender.

Aprender para quê? Para furtar o corpo á carga? para conhecer melhor os seus direitos? Para ter consciencia da sua força e atirar pelos ares os **malandros** que o exploram e o desprezam?

Tolos seriam elles se caissem em o ensinar.

A ignorancia é um grande baluarte. Quem tem medo dos cegos? Em quanto o povo andar amarrado ao trabalho, como um escravo, é que é aproveital-o.

—Queres um signal de que te besteficas? Olha para elles. Repara como os syndicatos pulullam e fructificam por toda a parte.

Cada um arranca-te do corpo um naco da tua carne.

Este explora-te um ramo do teu trabalho : aquelle uma fonte de riqueza que tanto te custou a crear. Todos emfim se combinam para te disfructar, para te vexar, para te **roubar**.

Nem de outra forma se explicariam essas fortunas collossaes, que tu vês para ahi na posse de uns sugeitos, que ainda ha pouco mais de dois annos vegetavam apenas na mais modesta mediania.

Agora coube a vez aos vinhos.

A exportação d'esta grande riqueza nacional, a maior do paiz, pode de um momento para o outro crear enormes fortunas.

Quem lhe deitasse as unhas, constituir-se-ia em pouco tempo uma das maiores forças monetarias de Portugal. E hoje, aqui, como em toda a parte, o dinheiro é tudo. A difficuldade estava apenas em encontrar um governo sufficientemente mau, e perverso, que sem consideração pelo futuro, se prestasse a conceder mais um syndicato, e que monopolisasse aquelle commercio.

Ora para organizar **syndicatos**, para conceder monopolios, nunca houve, nem haverá jamais em Portugal coisa que se pareça com essa **quadrilha** que a Providencia se compraz em manter ainda no governo, para lição e escarmento de todos: povo e Rei.

Têm apenas um fim: **enriquecer**. E como á trente dos negocios publicos lhe passam pela mão milhares e milhares de contos, o meio é conservar-se. Quanto mais tempo, mais contos. Ora quanto maior for o numero de syndicatos que elles organizarem,

como cada syndicato é uma força, mais forças terão a apoiar-os, mais espeques a sustental-os.

O dos vinhos não ha duvida que deve ser dos mais valiosos, monopolisando, como dissemos, a mais rica producção do paiz, e concentrando nas suas mãos toda a exportação d'esta grande riqueza.

Para tornar effizaz este monopolio o governo concede ao syndicato, entre outras vantagens, e privilegios: armazens alfandegados; todo o pessoal dos nossos consulados e legações, para lhe recommendarem os vinhos; uma marca official de garantia; um subsidio de 15 contos; uma garantia de 6 %; isenção de imposto de registo e de imposto industrial.

Quer dizer: aniquila infallivelmente o commercio dos vinhos de qualquer entidade que não seja o syndicato.

É isto que quer o povo? É isto que quer o commercio? Reparem que os proprios amigos do governo, os mais independentes e desinteressados foram os primeiros a atacar tão enorme **patifaria**, classificando-a, como merece, deu ma refinadissima **ladroelra**.

A opinião está sobreexcitada.

O commercio do Porto agita-se ante a perspectiva da miseria que a devassidão do governo lhe prepara.

Mas não bastam estes pequenos movimentos da opinião e dos interesses geraes offendidos e prejudicados.

É preciso que o Porto em massa se levante, e que inflja á quadrilha uma lição que lhe lembre toda a vida. É preciso que pegue n'um **chicote** e que ponha fora do templo os histriões, que enxovalham as insignias do poder, trocando-as pelo fructo das mais **torpes ladroelras**.

Em vez de promover egualmente todos os interesses, estes **gatunos** preferem contrastal-os, pondo em lucta todas as classes.

D'esta terrivel coalisção ha-de sair por força a **guerra civil**. É talvez o que elles querem. É talvez o que propositadamente a sua politica infame e traiçoeira medita e prepara. Salve-nos o Porto. Lisboa, como a antiga Bysancio, já não serve para coisas grandes, amolecida de somno, de ociosidade e de prazer.

Que o Porto pronuncie uma palavra só, e os **miseraveis** sumir-se-hão cem covados pelo chão abaixo.

À ÚLTIMA HORA

As noticias vindas do Porto são gravissimas.

A agitação cresce e communicou-se a toda a provincia do Douro.

O Porto é o centro do movimento contra esta infamissima politica que quer entregar todas as riquezas do paiz a syndicatos ministeriaes, sem desdenhar repartir grandes nacos, se for preciso, por homens mais ou menos turbulentos, ou por syndicatos que elles organisam para lhes amaciar as resistencias. Assim poderão devorar tranquillamente o trabalho do povo e a fortuna publica. Mas enganam se. Do Porto ha-de vir a palavra de redempção, e o paiz ficará livre para sempre dos **ladroes** que não cessam de o vender descaradamente.

O movimento das tropas no Porto tem sido grande. Os pontos estrategicos da cidade estão tomados. Como a tropa de linha, infantaria e cavallaria não chegam, já empregam a policia municipal, a policia civil e a guarda fiscal.

Occuparam a praça de D. Pedro, occuparam as embocaduras da ponte de D. Luiz, a Batalha e varios pontos dos mais importantes da cidade.

E tudo isto para que? Para que o povo e principalmente os trabalhadores, ameçados no seu trabalho não podessem pacificamente saudar os amigos que vinham á capital pedir justiça e protecção aos poderes publicos.

O governo resiste d'esta vez. Os jornaes ministeriaes provocam o Porto com insultos, calumnias e ameaças. O sr. Marianno está-se banhando em agua de rosas porque enfim conseguiu o seu desideratum—**accender o facho da guerra civil**. Ninguem dirá que os seus actos procurassem outra coisa. Não ha um só que não deixe atordoada a consciencia publica de assombro e indignação. Em qualquer outro paiz mais cheio de vida, mais conscio dos seus direitos, a resistencia armada ja teria afundado estes malvados nas cavernas de onde nunca deveriam ter saído. Seria uma grande desgraça, mas verão que não largam de outra forma a presa, em quanto sentirem que devorar.

Elles bem o dizem. O *Primeiro de Janeiro* declara que no Douro está tudo a postos para uma **revolução**. São elles que a teem preparado. É a politica do sr. Marianno de Carvalho, conluiado com varios elementos dos partidos extremos que dirige o movimento n'este sentido.

Marianno dá força aos elementos devolicios, que se compromettam a auxiliar-o.

Ao sr. Navarro cumpre abortar certas fracções do partido reacinario.

Por isso lhes deu o monopolio das moagens, e agora o da exportação dos vinhos do Douro, duas das maiores fontes da riqueza.

E El-Rei o sr. D. Luiz no meio dos seus inimigos, quasi desamparado e doente, sabe Deus de que molestia...

Abalxo o governo!

Abalxo os ladrões!

Viva a lliberdade do trabalho!

Viva a lliberdade do commercio!

Viva o Porto!

UMA PATIFARIA!

Consta-nos que na celebre reforma dos empregados da Camara Municipal de Lisboa, não foram attendidas as reclamações justissimas dos apontadores das obras municipaes, em que pediam para serem incluidos nos quadros, ficando por esta forma garantidos os seus logares, e não estarem sujeitos a serem despedidos de um momento para o outro.

Esperamos que a Camara Municipal organisará o respectivo quadro dos apontadores, com o que protegerá uma classe digna e trabalhadora, na certeza que não deixaremos de verberar o seu proceder, senão cumprir com a sua obrigação.

Os mysterios da União Agricola Portugueza

Como a imprensa se vende

Quando os conselhos da coroa se entregam aos primeiros **maltrapilhos** da **politica reles**, não se pode esperar d'elles senão **protecção escandalosa a companhias duvidosas**, e tudo o mais quanto servir para explorar este desgraçadissimo paiz.

Raros são os nossos leitores, que não conhecem os vastissimos terrenos que o Estado possui no Alemtejo, e que devido a **incuria dos poderes publicos**, não teem dado resultado, não obstante elles serem ferteis em pastagens e importantissimos em montados de sobreiro.

N'outro paiz, que não fosse Portugal, e que tivesse á frente da sua administração homens verdadeiramente patriotas e desinteressados, seriam esses terrenos cultivados pelo Estado, o que daria um bom resultado para o thesouro.

De todos é bem conhecido a muita miseria, que ha no Alemtejo, e se não fossem os terrenos do Estado servirem para pastagem dos rebanhos dos pobres lavradores, os **horrores da fome** ter-se-iam apresentado com toda a sua hediondez.

Como os nossos leitores sabem este immoral governo, corrompe-se a troco de meia duzia de libras que os **homens do olho vivo** lhe atiram, como osso a **cão rafeiro** e portanto com a maior facilidade se obtem dos poderes publicos altos favores, que revelam **grandes maroteiras**.

Em Portugal constituem-se sociedades anonymas com a mesma facilidade com que um **tunante** é recebido no gabinete do ministro das obras publicas.

Os nossos leitores devem estar lembrados de uns pomposos artigos que teem sido publicados entre outros jornaes pela **Correio da Noite, Novidades, Popular**, em que se fazem os maiores elogios a uma companhia denominada União Agricola Portugueza, que tem por fim adquirir terrenos no Alemtejo e exploral-os por sua conta, da qual são directores um tal **Phillip-part**, banqueiro tristemente celebre pelos **negocios desastrosos** em que se tem mettido, um ex-ministro que vendeu o seu caracter impolluto por **sels contos** de réis á Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte, e alguns empregados aduaneiros, etc etc etc, que teem apenas como fortuna os ordenados que recebem pelos logares que occupam.

Como os nossos leitores vêem os directores da Companhia a respeito de dinheiro **no hay**, e com relação a propriedades teem as ruas da capital livres para passearem.

Esta **troupe** de negociantes, alcançou do governo a concessão de **35.000 hectares** de terreno no Alemtejo com magnifico montado e a isenção de contribuições pelo praso de 20 annos.

O que nos dizem os nossos leitores a esta **refinadissima maroteira** e grande favoritismo da parte dos **bandidos do governo** em favor de uma **companhia anonyma** quanto á **respeitabilidade** dos seus directores.

Com que direito é que o governo vae conceder **35.000 hectares** de terrenos, que alem

de valerem uma boa porção de **contos de réis**, servia para os lavradores pouco remedidos a pascentarem os seus gados?

Quanto recebeu o sr. Emygdio Julio Navarro par mais esta **chantage**?

A estas nossas perguntas apenas nos respondem os **pandilhas do governo** com o silencio, meio este usado pelos **scelerados**, quando se não podem defender das graves accusações que se lhe fazem!!!

O *Espectro* na sua alta missão de descobrir escandalos e de apontar ao desprezo dos homens de bem, a **malandragem** que envergonha o paiz, declara para todos os effeitos que a tal Companhia União Agricola Portugueza mandou um seu emissario pelas redacções dos jornaes afim de comprar a troco de duas libras por cada artigo, a consciencia dos jornalistas infames, que se entregam ás companhias que compram essas consciencias de lama.

E d'esto forma é que se conseguem artigos favoraveis a Companhias que nós consideramos umas perfeitas ratoeiras, para apanhar o dinheiro dos incautos.

Que importancia pode ter a imprensa quando ella tem como collegas os *Chantageurs do Correio da Noite, Novidades e Diario Popular* etc., etc., que vendem a sua opinião com a mesma facilidade, com que se obtem os favores das prostitutas á noite nas vielas tortuosas das ruas sujas.

E é tal a nossa indignação contra esses pulhas da imprensa, que levantando a voz indignada bradamos:

Abaixo os jornalistas indignos que vendem a penal!

Estamos á espera de preciosos esclarecimentos, com os quaes o publico ficará elucidado, da pouca limpeza da tal Companhia União Agricola Portugueza, e desde já o prevenimos para que não tome acções que aquella companhia quer emitir.

Continuarêmos.

Uma negociata do Mozer

Um escandalo e um roubo

Foi necessario publicar-se o *Espectro* para que o Paiz tivesse conhecimento de **grandes escandalos** e de **monumentaes traquibernias**.

Vamos pois relatar ao povo mais uma **patfaria** que se está forjando, e em que o municipio de Lisboa será **burlado** na bagatella de **cento e tantos contos de réis**.

Devem os nossos leitores estar lembrados de uma grande questão, que houve entre a camara municipal e a proprietario de um predio na travessa das Vaccas, para a expropriação do referido predio.

A camara desistiu da questão, e o predio ficou de pé, sendo ha dias vendido ao sr. Henrique Mozer pela quantia de **92:300\$000**, quando o seu valor real não excede a **40:000\$000** de réis.

A compra que o sr. Mozer fez da casa, por aquella enorme quantia é phantastica, pois que S. Ex.^a não deu mais de 40:000\$000.

Mas como S. Ex.^a é particular amigo do presidente da camara municipal de Lisboa, de acordo com este mandou pôr na escriptura de compra

aquella enorme importancia, afim da camara lhe expropriar a propriedade para utilidade publica, pela bagatella de **cento e tantos contos**, ganhando este syndicateiro na negociata a insignificante quantia de **cincoenta contos de réis**.

E o que nos dizem os nossos leitores a mais esta **mariolada** que se está forjando?

Não revella ella os instintos syndicateiros da actual Camara Municipal de Lisboa?

Mas esteja certo o povo que no dia em que a Camara Municipal praticar a **maroteira** de expropriar a propriedade por um preço superior ao que offereceu á antiga proprietaria, nós aqui estaremos, para dizermos á camara que ella **roubou** o municipio descaradamente.

Sr. Fernando Palha vá-se embora

Que nos diz o sr. Fernando Palha a respeito da sua saída da camara? Cumpre ou não a palavra que deu e que os habitantes de Lisboa applaudiram com enthusiasmo?

Prometteu ao municipio que saia, deu esse algrão á cidade: Pois cumpra.

Onde estão os pergaminhos da sua prosapia fidalga e da sua decantada illustração, se o ensinam a raspar os pés em cima da palavra que empenha?

Imagina que a tolerancia é applauso? Enganase. Lisboa tolera-o, porque tolera todos os vicios, todos os erros, todos os crimes, apodrecida como está a infeliz n'esta lethargia do indifferentismo, que é a peor de todas as doenças.

Tolera-o mas detesta-o.

Deixe a presidencia da camara. Vá para os seus alfarrabios. Será menos um armador de syndicatos e que tanta ruina estão causando ao paiz, e mais um litterato, que alguma coisa pode fazer de bom, n'este meio viciado de tanta *litteratice* e de tão poucas letras; onde enxameam os litteratos, e escasseia a litteratura.

Vá para os seus livros, vá, e deixe-se de presidencias da camara onde tanto mal tem feito ao municipio.

A patifaria do mercado do Campo Pequeno continua de pé, com todos os seus vexames e absurdas extorsões.

Os lavradores que trazem gado a Lisboa, especialmente gado suino, não tornam cá, para evitar vexatorias perseguções.

Nunca se viu nada mais attentatorio, nem mais estúpido.

Simplemente para metter dinheiro nas algibeiras de uns amigos, carregar os direitos da carne, que já entra por tão diminuta quantidade na alimentação do povo, e obrigar os lavradores, e toda a gente occupada n'aquella industria aos maiores incommodos para elles e para o gado, e não só incommodos, mas transtornos e prejuizos.

Isto só em Lisboa. Só aqui é que o povo soffreria resignado semelhante **patifaria**.

Só n'esta cidade de *marmore* por dentro e por fora: marmore no corpo e marmore na alma. Fria como elle, sem energia e sem vida: só aqui é que se *decretaria* uma *maroteira* d'aquellas e os legisladores não se veriam forçados a saltar pelas janellas para fugir á colera do povo merecidamente, provocada por quem devia velar pelos seus interesses, e não sacrificar-os a torpes ganancias de amigos ou de syndicatos.

Porque, havemos de repetil-o cem vezes, se for preciso, para despertar a attenção do publico:

O **mercado do Campo Pequeno**, aquella vergonhosa ladroeira ainda está de pé, com todos os vexames que o sr. Palha lhe inventou.

A real associação de agricultura recorre para o tribunal competente, mas o tribunal, ao que parece, poz pedra em cima.

O gado que entra em Lisboa, seja porque porta for, tem de ir ao mercado. E vai simplesmente para ver os triumphadores do syndicato: simplesmente para pagar o imposto, que a ladroagem impoz á cidade e que a ineptia consente. Pago elle, parte logo para o matadouro, porque no mercado não tem mais nada que fazer senão pagar.

Se não tem tempo de chegar n'aquelle dia ao matadouro, lá fica para no dia seguinte seguir seu caminho, aggravando-se então as despesas com outros vexames.

E Lisboa continua calada! Pobre Lisboa que para não saires dos teus habitos fradescos de roncoice e quietação putrida, até albarda consentirias sobre o lombo, se t'a puzessem!

O governo e as moagens

Vejam como o grande Marianno, o emerito protector de todos os syndicatos e alicantinas graudas acaba de dar um golpe que abriu ao meio o monopolio das moagens, e levantou á prosperidade requerida a pobre agricultura, que os moageiros iam pondo na *espinha*, como se costuma dizer.

O trigo exotico estava pagando 10 réis de imposto em kilo. A agricultura chorava lagrimas de sangue.

Condoído o grande homem. impoz ao trigo 16 réis. E' effectivamente um imposto protector.

Querem saber a historia d'este augmento? Conta-se em duas palavras.

— **Elle.** O sr. Carrilho, que porção de trigo estrangeiro tem entrado desde que descemos o imposto a 10 réis?

— O **outro.** Uns 40 mil moios.

— **Elle.** Tem a certeza? Tem a estatistica?

— O **outro.** Nem estatistica nem certeza, mas idéa.

— **Elle.** (voltando-se para o Chico Idéas... este diabo pensa que as idéas são como os relogios.)

— Então as fabricas...

— O **outro.** Já estão abastecidas para dois mezes bem puxados.

— **Elle.** Bem. Suba o panno. Perdão, que me enganei, suba o imposto.

Tres dias depois o conselho da agricultura pucha os cordelinhos, e o *Diario do Governo* atirava aos quatros ventos a prosa do decreto salvador, que elevava de 10 a 16 réis o imposto sobre o trigo estrangeiro.

Aqui está em duas palavras a historia d'aquelle augmento.

Uma testemunha. O reverendissimo da Lapa.

Fora, tratantes!